

Duas mentes brilhantes em ‘Nuremberg’

Russell Crowe e Rami Malek se enfrentam como o líder nazista Hermann Göring e psiquiatra

Por [Elaine Guerini](#)

Valor, 18/03/2026



Rami Malek como o psiquiatra e Russell Crowe como o nazista em “Nuremberg” — Foto: Divulgação

James Vanderbilt nem precisou ler o livro “O nazista e o psiquiatra” (2013) para se comprometer em comandar sua versão cinematográfica, batizada de “Nuremberg”. “Por conhecer o autor, bastou que eu lesse a sua proposta de livro, de seis páginas”, recorda o americano, que é o roteirista e o diretor da adaptação iniciada em 2012, enquanto Jack El-Hai ainda escrevia a obra literária.

“O que mais instigou a minha imaginação foi resgatar o trabalho do psiquiatra que analisou a natureza do mal no final da Segunda Guerra”, diz Vanderbilt, de 50 anos. Mais conhecido como o roteirista de “Zodíaco” (2007), o thriller sobre um serial killer nunca identificado, ele se refere aqui ao dr. Douglas M. Kelley (1912-1958), o profissional americano encarregado de avaliar a sanidade mental dos nazistas capturados.

Assim como o livro do americano Jack El-Hai, o filme que estreia no dia 26 nos cinemas do Brasil aposta na investigação psicológica de Kelley, na tentativa de entender a desumanidade dos nazistas. Em particular, a do líder Hermann Göring (1893-1946), o braço direito de Adolf Hitler (1889- 1945). Com o suicídio do ditador, Göring foi o militar de patente mais alta presente no tribunal de guerra, batizado de Julgamentos de Nuremberg, nome da cidade alemã onde eles foram realizados, daí o título do filme.

“O tribunal de Nuremberg foi muito relevante na época, continua sendo hoje e, infelizmente, promete se manter assim no futuro”, afirma Vanderbilt, em encontro com jornalistas durante a 73ª edição do Festival de Cinema de San Sebastián, no norte da Espanha. “Vale lembrar que quatro nações, que não concordavam necessariamente umas com as outras naquele período, se uniram em nome de algo mais nobre.”

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quatro potências (os Estados Unidos, a então União Soviética, o Reino Unido e a França) se organizaram para a criação de um tribunal militar internacional, visando à reafirmação dos direitos humanos. Além da coleta de provas dos crimes de guerra, contra a humanidade e contra a paz, a iniciativa conjunta levaria a julgamento os nazistas que afirmavam que as milhões de pessoas exterminadas pelo Terceiro Reich eram “inferiores”.

“Embora eu achasse que sabia muito sobre esse capítulo histórico, não tinha ideia de que psiquiatras a serviço do exército dos EUA na década de 40 tiveram um papel tão importante”, comenta Vanderbilt. Ele lembra que foram esses os profissionais que determinaram se os nazistas agiram por insanidade ou por convicção ideológica, garantindo, assim, um “julgamento justo”.

“Kelley possivelmente achava que iria para casa depois da guerra (durante a qual tratou de soldados com estresse pós-traumático de combate). Em vez disso, Kelley recebeu ordens para avaliar a psique da cúpula nazista, o que ele deve ter interpretado como uma chance única”, diz Vanderbilt, lembrando que o fascínio que os 22 membros do alto comando alemão exerceram sobre o psiquiatra foi registrado em livro.

“22 Cells in Nuremberg”, publicado em 1947, levou ao público o trabalho de Kelley, que aproveitou a experiência para ganhar notoriedade na área, como um especialista no estudo da “personificação do mal”. Como a obra já trazia na capa, no subtítulo, o autor explorou “que tipo de homens eram os senhores nazistas, como eles se tornaram assim e se isso poderia acontecer novamente”.

Das interações de Kelley com os prisioneiros, a que mais interessou a Vanderbilt foi a relação do psiquiatra com Göring, o que explica uma participação maior do oficial número 2 da Alemanha nazista. “São duas mentes brilhantes, com uma sempre tentando enganar a outra”, comenta Vanderbilt, rindo.

Essa abordagem psiquiátrica, pré-julgamento, é o que mais diferencia “Nuremberg” de outras produções sobre o tribunal, embora o novo drama também recapitule o que aconteceu durante o processo judiciário, com longas sequências revisitando as sessões públicas. Um dos filmes mais emblemáticos sobre o período foi “Julgamento em Nuremberg”, título em preto e branco rodado em 1961 e dirigido por Stanley Kramer, com o foco no aparato de justiça criado imediatamente após a guerra.

A dinâmica entre os personagens, sobretudo nas avaliações psicológicas dos prisioneiros, é o que realmente faz “Nuremberg” valer o ingresso. Até porque dois bons atores se enfrentam no velado embate mental entre figuras de traços narcisistas, Kelley e Göring, interpretados por Rami Malek e Russell Crowe, respectivamente. É instigante acompanhar a manipulação, dos dois lados, com cada um usando as armas que tem, para tirar vantagem do adversário.

“Kelley é quase um enigma para mim. Diferentemente da imagem tradicional do psiquiatra, quase sempre um sujeito acariciando a barba e fumando cachimbo, à la Sigmund Freud, Kelley parecia mais um mágico amador. Era malandro e aventureiro”, conta Vanderbilt, que extraiu uma performance “mais magnética” de Malek. “Algo que o ator nem sempre consegue usar nos filmes, por fazer muitos papéis de homens esquisitos.”

A eletricidade de Kelley casa muito bem aqui com a imponência charmosa e o senso de humor de Göring. Crowe imprime perfeitamente a energia de quem está acostumado a comandar uma sala, nem que seja uma cela. “Trata-se da versão humana de Göring, o que explica Kelley ter sido, de certa forma, seduzido pela personalidade do nazista.”

Vanderbilt conta que, em busca de autenticidade, Crowe mergulhou na pesquisa durante a preparação para o personagem. “Ele viajou pela Alemanha para visitar os diferentes lugares onde Göring passou a infância. Por ser Russell Crowe, ele não precisa mais fazer isso. Mas Crowe se comportou como um ator tão ambicioso quanto qualquer outro com quem já trabalhei.”

Crowe é, na visão do diretor, o motivo pelo qual “Nuremberg” saiu do papel. O seu nome atrelado ao projeto garantiu o orçamento de cerca de US\$ 10 milhões. “Comecei a escrever o filme há 14 anos e há 9 enviei o roteiro a Crowe, por conhecer o seu agente. Assim que o ator leu e gostou, o agente me ligou, falando que ele aceitaria o papel. Eu disse então que telefonaria para Crowe para uma conversa. Mas o agente falou que o ator não precisava conversar comigo, que já tinha topado, o que não é comum nesse negócio.”

Provavelmente, Crowe já tinha entendido o poder do feitiço que Göring lançaria no filme — não só sobre Kelly, mas sobre o espectador. “As pessoas costumavam descrever o líder nazista como a melhor companhia que alguém poderia ter em um jantar, o que só torna a figura de Göring ainda mais assustadora”, diz Vanderbilt.